

A MOTIVAÇÃO PESSIMISTA DO AGIR

GABRIEL HEIDRICH MEDEIROS¹; NOME E SOBRENOME DO(S)
CO-AUTOR(ES)²; NOME E SOBRENOME DO ORIENTADOR³

¹UFPEL 1 – *Gabriel_heidrich@yahoo.com.br* 1

²Nome da Instituição do(s) Co-Autor(es) – e-mail do autor 2 (se houver)

³UFPEL – *clademir.araldi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Nietzsche descreve a causalidade pessimista no agir, como que ligada às metas da felicidade, própria ou alheia, deste modo as ações sempre procuram um destes resultados. Sendo que aquelas que possuem a meta na satisfação própria são egoístas e as que têm como finalidade o benefício alheio são altruístas. Este modelo de motivação é identificada por Nietzsche como que decorrente de Schopenhauer KSA 13 22 [17]. Para Nietzsche estas ações podem ser reduzidas a apenas uma que é a busca pela felicidade própria. Demonstrando assim a posição cética do autor em relação a ações desinteressadas e focadas apenas no bem de outrem. Contudo este é um recurso utilizado pelo autor para sintetizar todas as metas das ações. Sendo que como veremos no decorrer desta exposição em realidade a finalidade das ações não possui uma firme causalidade no modelo dor (causa) - prazer (meta) (FP 13 22 [17] 1888 [www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22\[17\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22[17])).

A interpretação pessimista, (identificada como sendo a de Schopenhauer) sugere que o agir possui como meta de todas as ações a felicidade, seja ela própria ou alheia. Disso resulta que necessariamente a insatisfação é a causa motora do agir. Uma vez que o estado atual do indivíduo é sempre insatisfatório e por causa disso a busca pela felicidade é constante. Esta é a tese pessimista de que o desprazer é a causa de toda a ação. De um lado a causa “insatisfação” e no outro extremo a meta “felicidade” (FP 13 22 [17] 1888 [www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22\[17\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22[17])).

Nietzsche possui por sua vez uma interpretação completamente diferente da causalidade motivacional das ações. A ligação entre a insatisfação e a felicidade só poderia ser correta se houve-se uma vontade intencional no

próprio indivíduo. Pois teria que existir um ser consciente de si que identifica a dor, conhece e manifesta intencionalmente a sua vontade de livrar-se dela. Deste modo as causas do agir seriam reduzidas apenas a uma, o que já é um exagero dizer que o sujeito sempre ira querer se livrar da dor.

Segundo Nietzsche a vontade individual “espiritual” jamais poderia por si só engendrar o seu querer. Ela é sempre movida pelos motivos que atuam sobre ela e que são abstraídos pelo agente, como se fossem parte no seu agir consciente. Para conhecermos a nossa vontade teríamos que poder conhecer todo o movimento histórico de abstrações exteriores ao indivíduo que interagem para tomar a forma singular da sua vontade. Para Schopenhauer, na tentativa de auto conhecimento, o indivíduo, tem acesso a própria vontade que constitui todos os seres. Para o filósofo pessimista isso é possível, pois para ele a vontade é algo simples que pode ser intuído. Para Nietzsche este conhecimento é impossível. De qualquer maneira fazer a ligação entre estas motivações e a sua finalidade pretendida, frente a gama de elementos deixados de fora nesta ação pressupõem a generalização da vontade consciente como ordenadora da ação. É como se toda a pré-história de afetos, pulsões geradas e herdadas fossem deixadas de fora para dar espaço apenas para a causalidade presente na consciência. Como se a alma possui-se pleno saber do seu querer e liberdade da sua vontade ([http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22\[17\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22[17])). Deste modo a causalidade entre dor, de um lado e de outro a felicidade é apenas ilusória e generalista.

A crítica a teoria da causalidade motivacional pessimista possui um outro registro; o de crítica aos valores morais presentes na abordagem de Schopenhauer. Por exemplo na exaltação das ações altruístas. Para Nietzsche não há em absoluto nenhuma ação não egoísta. No fragmento da KSA 13 22 [18] de 1888 o autor realiza maiores esclarecimentos sobre a sua posição cética em relação aos atos desinteressados. Isso leva consecutivamente a redução de que todas as ações, possuem sempre a sua finalidade na busca pela felicidade própria. Em relação a divisão entre ações egoístas e não egoístas, Nietzsche assevera que as últimas estão ligadas ao seu instinto de auto conservação. Já as ações egoísta carecem desta organização em prol da

auto conservação, e consecutivamente das noções do que é útil e nocivo para esta finalidade. As ações egoístas são aquelas que mantêm a tensão, força, saúde e vitalidade demonstrados justamente no exercício desta tensão ([http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22\[18\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22[18])).

Se ficássemos apenas com a observações dos atos poderíamos concluir assim como Nietzsche de que não existe nenhuma ação não egoísta desinteressada, pois sempre há interesses contidos nas ações (NIETZSCHE, p. 9, 2007 aforismo 2). Mas Nietzsche vai mais longe nos fragmentos póstumos, pois para ele não existem ações altruístas, assim como também não existem as ações egoístas. Isso por que, se trata das conseqüências da fé da existência de um ego. Nas palavras do autor "O ser humano aspira a *felicidade*: Mas neste sentido não há nenhuma unidade <<que aspire>>" ([http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22\[20\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1888,22[20])). Interpretamos que quando se fala de liberdade do mecanismo, o autor quer dizer que esta parte não deva estar sob a influência de outras causas. Existem outras causas além da dor, pois se ela fosse a única força motriz, então a única questão a ser debatida seria o quanto de força será necessária para mover esta peça. O próprio asceta é um exemplo de ser que graças a sua paz alcançada não mais é abalado pela tormento, nenhuma dor o atinge.

A felicidade como meta e a insatisfação como causa, só possuem esta relação quando há uma unidade em que elas se manifestam. O que acontece no agir é a descarga de força que se desencadeia por um estímulo. Insatisfação e felicidade não são necessários. Devemos nos guardar de referirmonos a indivíduos egoístas ou altruístas. Mas devemos nos referir a fenômenos decadentes e a outro tipo de fenômeno que mantém a tensão necessária para a vida. A atividade altruísta tomada como própria do agente não deixa que ele próprio tenha claro que o seu agir está em função de um processo vital de purificação do gênero e da espécie, quando este busca a auto conservação. Como agir individual ele não possui valor algum. O processo vital de expansão só possui valor em um individuo egoísta, pois este mantém a tensão necessária.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho foi o de leitura imanente dos textos do filósofo. Adotamos este procedimento, por não haver comentadores, que se manifestem sobre explicitamente sobre os fragmentos que aqui serão estudados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O nosso trabalho até então conseguiu apontar para com Nietzsche entende a causalidade pessimista do agir, tendo como pano de fundo a sua crítica a Schopenhauer. É importante ter em vista que esta crítica é normalmente abordada pelos comentadores de Nietzsche através da análise que o autor faz dos valores de crenças supostamente seguidas por Schopenhauer. Desta maneira a avaliação de Nietzsche sobre o seu antigo mestre é mais antropológica e psicológica. O nosso trabalho indica uma nova forma de introdução a crítica à Schopenhauer, por via da análise crítica da causalidade pessimista em suas incoerências internas.

4. CONCLUSÕES

Nossa consideração final é a de que é possível analisar a crítica de Nietzsche a causalidade pessimista por uma perspectiva da incoerência interna que tal motivação possui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além de bem e mal**. São Paulo: Campania das Letras, 2005.

_____. **Fragmentos póstumos (1885-1889)**. Madrid: Tecnos, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O fundamento da moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.